



## A História de um Homem Feliz

*Tiago Schipanski<sup>1\*</sup>*

Certa vez, em Roma, num dia qualquer do primeiro século da era cristã, estando Nero fazendo qualquer coisa que dispensasse a presença de seu secretário Epafrodito, este se divertia com a dor que infligia num escravo que tinha às suas ordens e caprichos, torcendo-lhe umas das pernas. Diz-se que a vítima não reclamava, tampouco externava a dor com gemidos ou palavrões; que apenas ousou o comentário de que a insistência na brincadeira resultaria numa lesão em seu membro. Ignorando a advertência, a próxima coisa que Epafrodito ouviu foi o estalar de ossos confirmando o que o escravo Epicteto antevia. O lesionado, ao constatar que havia repreendido o seu superior momentos antes acerca da possibilidade que se efetivou, limitou-se a lembrar disso, ao invés de praguejar o agressor.

Não discordando, contudo, de que uma deficiência física era explícita quando andava, outra versão de sua fragmentada biografia atesta ser culpa de um reumatismo o caminhar truncado do jovem Epicteto. Doxógrafos põem as duas versões à vista<sup>2</sup>. Não se briga, contudo, pela defesa de uma ou de outra. Não é o caso, tampouco, o claudicar de suas pernas; não foi nem pra ele, visto que dizia: “Claudicar é entrave para as pernas, mas não para a escolha”<sup>3</sup>. A escolha que Epicteto fez, fez deste escravo um filósofo, alguém que “legou a

---

<sup>1\*</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná *campus* de União da Vitória. Contato: tiagoschipanski1994@gmail.com

<sup>2</sup> Ver DINUCCI; JULIEN, 2014, pgs. 11 e 12: ARRIANO DE NICOMÉDIA. **Encheiridion de Epicteto**. Tradução, introdução e comentários: DINUCCI, Aldo; JULIEN. São Paulo: Annablume, 2014.

GARCÍA, 1993, pgs. 9 e 10: NICOMÉDIA, Arriano de. **Disertaciones Por Arriano**. Tradução, introdução e comentários: GARCÍA, Paloma Ortiz. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

<sup>3</sup>ARRIANO DE NICOMÉDIA, 2014, p. 42.

maior lição de sabedoria já dada pela Antiguidade”<sup>4</sup>, e alguns estudiosos o colocam ao lado de Platão, Aristóteles e Epicuro como um dos “gigantes da filosofia antiga”<sup>5</sup>.

Epicteto foi quem teve particular importância na sustentação da bandeira estoica no período romano, nas palavras de Antonio Carlos Tarquínio, é considerado o maior exemplo de fidelidade ao princípio levantado por Zenão, o qual sustenta a divindade natural que garantia ao estoico a segurança por ser uma parte de um todo:

Zenão para enfrentar o arbitrário que tripudia sobre o acaso utiliza muitas armas: a Providência, a Razão (*lógos*), a causa, a lei, e assim vai. Vale tudo para confirmar a ação providencial que é essencialmente cuidado de tudo no todo, com o fim de expungir o fortuito do mundo, e salvaguardar a natureza divina da natureza. Nesse particular, não houve, em toda a história do Estoicismo, ninguém que fosse melhor, ou mesmo que se igualasse a Epicteto quanto à sua confiança incondicional na Providência Divina.<sup>6</sup>

Epicteto (55-135 d.C.) nasceu na cidade de Hierápolis, na região da Frígia, e esteve submetido a Epafrodito na condição de escravo — Epafrodito foi um dos secretários do Imperador romano Nero. A habilidade intelectual de Epicteto chamou a atenção de Epafrodito, que o enviou até Roma para tomar lições com o filósofo estoico Caio Musônio Rufo.

Musônio insistia no caráter prático de moral, que comparava com a medicina e a música; para ele, as normas de comportamento moral nos são ensinadas pela natureza e são um reflexo da vontade divina; ao mesmo tempo, a virtude não é alcançável sem o conhecimento.<sup>7</sup>

Apesar de sua condição de escravo e do caráter pouco amigável de seu senhor, Epicteto conseguiu frequentar as aulas de Musônio Rufo e, devido ao seu claro desenvolvimento intelectual, ganhou a liberdade de Epafrodito.

---

<sup>4</sup> DUHOT, 2006, p. 32: DUHOT, Jean-Joël. **Epicteto e a Sabedoria Estoica**. São Paulo: Loyola, 2006.

<sup>5</sup> CRESSON, 1960, p. 10: CRESSON, André. **A Filosofia Antiga**. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

<sup>6</sup> TARQUÍNIO, p.42: TARQUÍNIO, Antonio Carlos. Epicteto e a paixão no coração do pensamento. As duas causas de Crisipo e o mergulho em Deus. **Cadernos UFS-Filosofia**. s/n

<sup>7</sup> Ibidem, 1993, p.11.

Assim, assumiu a posição de filósofo orador perambulando pelas ruas romanas e ensinando suas principais ideias. Foi no período do imperador Domiciano (81-96 d.C.) que Epicteto foi expulso de Roma, pois as leis promulgadas por este imperador não poupavam filósofos, matemáticos e quaisquer outras atividades vinculadas à propagação do saber. Dessa maneira, Epicteto retornou à sua região da Frígia — parte da moderna Turquia — para desenvolver a sua filosofia.

Os ensinamentos de Epicteto, que eram exclusivamente feitos pela oralidade, foram preservados e chegaram até os dias de hoje por meio de duas obras: as *Diatribes* (discursos) e o *Encheiridion* (Manual de Epicteto). Como destaca Duhot, “ao contrário de nós, o filósofo grego não pensava para escrever livros, ele podia, eventualmente, escrevê-los porque já os tinha pensado<sup>8</sup>”; o registro escrito era apenas uma maneira de “fotografar” o momento em que tudo acontecia e oferecê-lo, para se tornar conhecido por quem não pode, por motivos geográficos ou temporais, presenciar as concepções e exemplificações das ideias pelo filósofo.

Curiosamente a história da obra de Epicteto e a sua transmissão assemelha-se à de Sócrates, pois, assim como o filósofo ateniense, o escravo romano teve suas falas anotadas por um de seus discípulos. Se Sócrates teve como aliado Platão, Epicteto contou com a ajuda de Lúcio Flávio Arriano — também conhecido como Arriano de Nicomédia — que editou o pensamento de seu mestre e o imortalizou em livros.

As *Diatribes* foram compostas por anotações pessoais de aulas a que Arriano assistiu, embora ele ateste a fidelidade da transcrição das falas do mestre. O *Encheiridion* se formou a partir de seleções de máximas das *Diatribes*, tornando-se uma obra portátil, com o intuito de estar facilmente à mão para meditações<sup>9</sup>.

O termo grego *encheirídion* se diz do que está à mão, sendo equivalente ao termo latino *manualis*, “manual” em nossa língua. Significa também

---

<sup>8</sup> DUHOT, 2006, p.9.

<sup>9</sup> Ibidem, 2006, p.37.

“punhal” ou “adaga”, equivalente ao latino *pugio*, arma portátil usada pelos soldados romanos atada à cintura.<sup>10</sup>

O caráter dos ensinamentos de Epicteto, ao qual temos acesso por meio destes escritos, demonstram o quanto ao filósofo importavam as questões que diziam respeito à conduta humana, do homem simples.

O que conservamos das explicações de Epicteto, portanto, não pretende nos oferecer uma exposição completa e ordenada de toda a filosofia estoica, mas tem por objeto primordial pôr em relevo o temperamento e os interesses mais característicos do mestre: as questões morais, ora em seus aspectos mais gerais, ora em questões específicas que afetam a vida cotidiana.<sup>11</sup>

A filosofia de Epicteto foi de suma importância na formação do pensamento sobre a arte de viver no Ocidente e influenciou significativamente as religiões judaica e cristã<sup>12</sup>. Sua filosofia pode ser entendida como uma ferramenta que capacita o homem a lidar com os acontecimentos de modo a compreendê-los e administrá-los.

Epicteto chama a atenção para que o ser humano transite suas escolhas e opiniões, reconhecendo o que é modificável ao homem somente no campo das coisas que podem por ele ser alteradas, para ele assim não tentar, utopicamente, sem êxito algum, modificar o que não está sob seu controle.

Epicteto deixa isso claro ao dispor exemplos do que está sob o nosso controle e do que não está<sup>13</sup>: que a primeira situação refere-se ao que nasce no interior da pessoa e a segunda ao que lhe é externo. Como todo fenômeno carrega consigo submissão ao seu agente originador, o que nasce externamente ao homem não se submete a ele.

Mas, como portar-se diante de um acontecimento não alterável de modo a garantir a felicidade? No folhear do *Manual* encontra-se a resposta clara e direta: “não busques que os acontecimentos aconteçam como queres, mas quer que aconteçam como acontecem, e tua vida terá um curso sereno<sup>14</sup>”.

---

<sup>10</sup> DINUCCI; JULIEN, 2012, p.3

<sup>11</sup> GARCÍA, 1993, p. 14.

<sup>12</sup> Ver DUHOT, capítulos O Encontro com o Judaísmo, p. 177 e Estoicismo e Cristianismo, p. 199.

<sup>13</sup> ARRIANO DE NICOMÉDIA, 2012, ps. 35 e 36.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.42.

A aceitação para Epicteto é a maneira que cabe ao homem para que sua relação com o exterior seja harmoniosa e não se reflita em sua alma de maneira negativa. Uma vez que nada pode ser feito para redirecionar a vontade da natureza a seu favor, cabe a ele aceitá-la, direcionando sua vontade a ela. Em outras palavras, dispor-se totalmente à ordem divina. Assumir a atitude que o próprio sábio assumiu: “eu uni a Deus a minha faculdade de desejar<sup>15</sup>”.

Os estoicos associavam a ideia de uma vida de felicidade a uma vida virtuosa; logo, felicidade e virtude são sinônimos deste ponto de vista. Sabe-se que felicidade no grego antigo corresponde ao termo *eudaimonia*. Se desmembrado, tem-se uma ideia interessante: o prefixo *eu* significando o bem ou o bom e *daimon* fazendo referência aos deuses. Pode-se intuir, a partir disso, um sentido completo da palavra grega que diz respeito ao conceito de felicidade remeter à ideia de estar de bem com a divindade. Estando, para os estoicos, a divindade contida em tudo e em todos, encerrando-se substancialmente na natureza, podemos concluir que a felicidade estoica se realiza na harmonização do homem com a natureza.

Este deus-cosmos também sustenta a qualidade de razão como de diversos outros nomes atribuídos a este princípio criador e presente em tudo o que é corpóreo. Logo, podemos atribuir, também, a ideia de felicidade estoica a um bom relacionamento com a razão.

Epicteto há muito já entregou sua centelha divina a outra constituição de matéria no Universo. Porém sua alma também reside nos ensinamentos que deixou na Terra. Cabe ao Homem Contemporâneo decidir-se pela felicidade, pois em mãos tem aquilo que proporcionou ao Filósofo uma vida sublime. E Epicteto quis compartilhar com os demais o que aprendeu para que os outros também possam ser realmente felizes. Pois para um estoico, todos somos Um só.

## Referências

ARRIANO DE NICOMÉDIA. **Disertaciones Por Arriano**. Tradução, introdução e comentários de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

---

<sup>15</sup> *Diatribes*, IV, 1, *apud* DUHOT, 2006, p. 109-110.

ARRIANO DE NICOMÉDIA. **O manual de Epicteto**. Tradução, introdução e comentários de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

CRESSON, André. **A Filosofia Antiga**. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

DUHOT, Jean-Joël. **Epicteto e a sabedoria estoica**. São Paulo: Loyola, 2006.

TARQUÍNIO, Antonio Carlos. Epicteto e a paixão no coração do pensamento. As duas causas de Crisipo e o mergulho em Deus. **Cadernos UFS-Filosofia**, s/n.